



DENÚNCIA, IMAGINÁRIO E INTERNET: COMO AS REDES SOCIAIS AGENDARAM A MÍDIA LOCAL A ABORDAR A POSTURA DE ESTUDANTES FANTASIADOS DE KU KLUX KLAN EM ESCOLA DE SALVADOR

301

Ix Chel Barbosa de Carvalho⁴¹
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Rafiza Varão⁴²
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

*“Nada descreve melhor o caráter dos homens
do que aquilo que eles acham ridículo”*
Goethe

Resumo: O presente trabalho propõe uma reflexão em torno do papel social do jornalismo enquanto mediador das relações em sociedade, como instrumento social pautado na defesa dos princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos – como apontado pelo Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros –, e na qualidade de fomentador da construção do imaginário coletivo, a partir de estudo referente à cobertura dos meios de comunicação sobre o caso dos alunos de colégio particular em Salvador, Bahia, que se vestiram de membros da *Ku Klux Klan* em atividade escolar. Parte da população soteropolitana utilizou-se das redes sociais como espaço de denúncia, apresentação de ideias e discussão sobre o caso dos estudantes, agendando (McCOMBS; SHAW, 1972) a mídia local a cobrir o caso. Dessa forma, observa-se que a internet se configura como lugar de exercício de cidadania, pela participação direta política e social dos indivíduos, demonstrando a força que esse espaço tem socialmente como fomentador de discussões que serão reverberadas pela mídia (HABERMAS, 1984). Assim, compreenderemos como se deu a cobertura da mídia convencional sobre o caso a partir desse agendamento, através da análise de notícias publicadas em portais online da mídia local.

Palavras-chave: *Ku Klux Klan*; redes sociais; imaginário coletivo; mídia; código de ética.

41 Graduanda em Jornalismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e membro do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília (UnB). Atualmente é estudante bolsista no programa Andifes de Mobilidade Acadêmica na UnB. E-mail: ix.chel@hotmail.com

42 Doutora em Teorias e Tecnologias da Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Professora Adjunta da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Professora orientadora do trabalho. E-mail: rafiza@unb.br



Abstract: Complaint, imaginary and internet: how social networks set the local media to cover the attitudes of students dressed as Ku Klux Klan in a school in Salvador. The present work proposes a reflection about the social role of journalism as a mediator of relations in society, as a social instrument based on the defense of the principles expressed on the Universal Declaration of Human Rights – in accordance with the Brazilian journalists’ ethical code –, and in quality of promoter of collective imaginary construction, from a study of the coverage of the media on the case of students of a private school in Salvador, Bahia, who dressed as Ku Klux Klan members in a school activity. Part of Salvador’s population used social networks as a space of complaint, presentation of ideas and discussion of the case, setting (McCOMBS; SHAW, 1972) the local media to cover it. Thus, it is observed that the internet becomes a place of citizenship practice, through direct, social and political participation of individuals, evidencing the strength this space has socially as promoter of discussions that are reverberated by the media (HABERMAS, 1984). So, we understand how the media covered the case from this scheduling, through the analysis of news published on online sites of the local media.

Keywords: Ku Klux Klan; social networks; collective imaginary; media; ethical code.

Introdução: o caso

Uma atividade comum que acontece nos colégios de todo o Brasil é o chamado “mico do terceiro ano”. Nessa atividade, alunos do terceiro ano do Ensino Médio, geralmente uma vez por mês, vão ao colégio fantasiados de acordo com os temas escolhidos previamente pela turma. Os estudantes não são obrigados a participar, mas geralmente essa atividade tem uma adesão de grande parte dos alunos, visto que tem como objetivo descontrair o clima tenso e rígido que o último ano escolar, preparatório para vestibulares, comumente tem, e também arrecadar fundos para a preparação da festa de formatura, já que é combinado que os estudantes que não forem fantasiados devem pagar uma quantia simbólica. Os temas costumam variar, mas os mais populares são: hippie, anos 60, pijama, palhaço, personagens de filmes e desenhos, profissões, halloween.



Dessa forma, como de costume, os alunos do terceiro ano do Ensino Médio do Colégio Anchieta, unidade particular de ensino, na cidade de Salvador, Bahia, no dia 8 de junho de 2017, foram a caráter ao colégio por conta do “Dia do Mico”, que também é promovido anualmente pela instituição em questão. Contudo, com a temática “Tribos Urbanas”, dois alunos se vestiram de membros da Ku Klux Klan (KKK), organização racista secreta nascida nos Estados Unidos no século 19 que pregava a supremacia branca. Além da vestimenta, os alunos tiraram fotos com a “fantasia”, em que posaram fazendo também saudações nazistas, e publicaram nas redes sociais.

A situação gerou grande repercussão nas redes sociais após uma ex-aluna do Colégio Anchieta denunciar a postura dos estudantes “fantasiados” e questionar o posicionamento do colégio quanto à questão, fazendo com que pessoas de opiniões diversas comentassem na publicação e a compartilhassem em seus perfis. Por conta da grande repercussão do ocorrido nas redes sociais, o colégio se posicionou sobre o caso e publicou resposta às discussões em sua página no Facebook. Pouco depois, a mídia local passou a se posicionar também, apurando a situação e divulgando notícias sobre o caso em diversos veículos impressos, virtuais e televisivos. A mídia soteropolitana apurou o caso e reiterou à sociedade o que representa a Ku Klux Klan, denunciando a atitude dos alunos – mas sem expor seus nomes e feições. Deu também espaço à resposta do colégio referente à postura dos estudantes e levou especialistas em educação aos programas televisivos a fim de auxiliar pais e educadores em como lidar com situações afins.



Figura 1: Dois estudantes do Colégio Anchieta caracterizados de membros da Ku Klux Klan e, entre eles, outro aluno do colégio fazendo saudação nazista. Fonte: reprodução/Facebook.

A partir casos como esse, surgem questionamentos sobre qual é a influência das redes sociais nas produções noticiosas. Quais os impactos que esse novo espaço de formação e disseminação de ideias e informações provoca na mídia? Como o jornalismo se vê, hoje, interferido diretamente pela sociedade? Assim, este artigo configura-se como um estudo de caso dessa mudança de paradigma comunicacional emissor-receptor, a fim de compreender quais os efeitos dessa mudança por meio da análise da postura da mídia soteropolitana, especificamente o jornal televisivo Bahia Meio Dia e os jornais online A Tarde, iBahia, Bahia Notícias, Correio*, Aratu Online e Bocão News, na cobertura sobre o caso dos estudantes que se vestiram de membros da Ku Klux Klan na capital baiana. Conquanto, para analisar e compreender a produção noticiosa sobre o caso, é necessário depreender que comunicar é poder, estar na mídia é poder e que “aquele que tem acesso aos recursos que criam e garantem esse poder simbólico são os meios de comunicação” (GUARESCHI apud SANT’ANNA, 2006).



Poder, discurso e violência

Comunicação é poder. Ter voz é poder. Construir narrativas é poder. E a comunicação entre vozes e narrativas se dá nas relações tensas de poder, visto que criam signos e configuram o imaginário coletivo. O imaginário coletivo é construído por relações, e também por relações de poder. E o imaginário coletivo constrói personagens, histórias e memória. Portanto, memória é poder. O poder é um conjunto de relações que formigam na espessura do tecido social, e é um fenômeno que se dá “apenas” na relação (FOUCAULT, 1979). Aspas porque “relação” é tudo. Relacionar-se com o mundo é comunicar-se sobre si e comunicar-se com o outro, é descobrir-se e descobrir o outro, é conhecimento, é construção de saberes. E tudo isso é tensionado pelas relações de poder e detido por aqueles que têm mais força, que manipulam, maquam e silenciam, muitas vezes, a memória de um povo. Dessa forma, compreendemos que “recordar é um ato ético” (SONTAG, 2003), e é por meio da memória que nos relacionamos com a história. E, portanto, a construção da memória também é tecida pelas relações de poder.

Dessa forma, quando em sociedade, os indivíduos veem-se sempre inseridos em relações de poder que, na disputa, criam, recriam e silenciam discursos – e, ao fazerem isso, também silenciam histórias e pessoas. Assim, discurso é poder, e se posicionar sobre o que nos cerca, discutir sobre e se sentir parte do mundo é poder. Muitas vezes, nessa luta ideológica, há a formação de discursos de ódio e violência também física.

Segundo Riva Sobrado de Freitas e Matheus Felipe de Castro, o termo “discurso de ódio” se configura como:

Manifestação ofensiva, dirigida em especial a grupos minoritários da sociedade contemporânea, com o objetivo de promover a sua segregação e de minimizar sua participação no exercício da cidadania. [...] Dessa forma, não pode o Estado Social, sob pena de comprometer a legitimidade de suas decisões, admitir o discurso do ódio, porque ele tem por objetivo segregar e calar a expressão de grupos minoritários. (FREITAS; CASTRO, 2013)



A Ku Klux Klan (KKK) é um exemplo de disputa ideológica que culmina em ódio, violência e extermínio. Fundada no século 19, no sul dos Estados Unidos, a KKK era uma sociedade secreta terrorista e racista que defendia ideais extremistas e reacionários como o nacionalismo branco, a anti-imigração e a supremacia branca, e perseguia, torturava e matava negros. Seus membros usavam um “uniforme” totalmente branco composto por um capuz pontudo, um roupão e uma insígnia, tanto para esconder suas identidades quanto para aterrorizar as vítimas. No final do século XIX, a Suprema Corte dos Estados Unidos designou a KKK como inconstitucional, mas sabe-se que esse grupo de ódio se reconfigurou diversas vezes e existe até hoje.

Deve-se sempre ter muito cuidado, responsabilidade e seriedade ao abordar assuntos referentes ao ódio e violência contra quem quer que seja. Considerada a cidade com maior população negra do país, é inadmissível aceitar que temas como a Ku Klux Klan sejam ensinados de forma leviana nas escolas de Salvador – e mesmo de qualquer lugar do mundo. E esse foi um dos tópicos mais questionados nas redes sociais após uma ex-aluna do Colégio Anchieta, instituição de ensino particular localizada em bairro nobre da cidade de Salvador, divulgar, numa publicação em sua página do Facebook, a foto (publicada pelos próprios) dos dois estudantes do referido colégio vestidos como os membros da KKK e, entre eles, um terceiro aluno fazendo uma saudação nazista, junto a um texto de autoria da própria ex-aluna questionando a responsabilidade do colégio diante da postura dos estudantes. Rapidamente, a publicação teve centenas de comentários e foi compartilhada por inúmeras pessoas. Elas se posicionaram tanto a favor dos questionamentos levantados pela ex-aluna quando em defesa dos estudantes, o que gerou mais polêmica, fomentando a propagação de diversas publicações contendo opiniões divergentes.

A justificativa dos estudantes para a escolha do traje para o “Dia do Mico” foi a de que a proposta deles era representar e denunciar um acontecimento triste e horrendo da história mundial por meio do humor. Por meio do humor, reitero. “Por meio do humor” esses estudantes se propuseram a representar um grupo de



extermínio negro, numa atitude que representa um apagamento simbólico nessa releitura esvaziada do outro. Como expressa o teórico do contrato social Jan Narveson, “nos importamos mais com algumas pessoas do que com outras” (NARVESON, 1999). Isso faz com o que, muitas vezes, banalizemos a dor do outro. Contudo, não há também como sentir a dor do outro (SONTAG, 2003) e, por isso, deve-se ter sempre cuidado e sensibilidade, já que não se sabe onde mora a sua ofensa. Dessa forma, compreende-se que a ética é um estado de atenção que, segundo Fernando Savater, “nos faz refletir sobre o que vamos fazer e sobre os motivos pelos quais vamos fazê-lo” (SAVATER, 2015). O Estado de Direito não pode aceitar discursos de ódio e, por intermédio dos meios de comunicação, deve intervir eticamente em casos como esse, visto que a “construção da cidadania passa pela discussão do papel exercido pelos meios de comunicação” (GUARESCHI, 2000).

A mudança de paradigma

Na mesma manhã do “Dia do Mico”, já com as publicações disparando nas redes sociais, os estudantes foram à coordenação do colégio, onde prestaram sua justificativa da “fantasia”. Como forma de punição, foram suspensos da aula da tarde do mesmo dia. A postura do colégio revoltou muitas pessoas nas redes sociais, que exigiam maior rigor na repreensão dos alunos e também um esclarecimento da escola sobre como permitiram a entrada deles na instituição de ensino caracterizados de tal forma.

Após a movimentação exorbitante sobre o caso nas redes sociais, a imprensa começou a apurar o caso. Segundo a teoria da ação comunicativa, desenvolvida por Habermas, as opiniões dos indivíduos, geradas na esfera privada, são discutidas na esfera pública e reverberadas por meio das “caixas de ressonância”, que representam um conjunto demográfico de opiniões e discursos semelhantes que vão se juntando e depois salientam-se, formando a opinião pública (conceito



questionado por muitos pensadores, inclusive, como Pierre Bourdieu, que afirma que “a opinião pública não existe”), que é depois respondida politicamente, isso é, levada ao sistema político, principalmente através do jornalismo (HABERMAS, 1984). Ou seja, o jornalismo é “por essência um espaço de confrontação de ideias, que adquire uma nova dimensão quando se trata de ética” (KARAM; SCHMITZ, 2010). Assim, o jornalismo faz-se intrínseco na construção do imaginário coletivo, visto que, ao legitimar opiniões e ampliar as discussões, interfere nos valores, opiniões e sentimentos sobre o mundo da sociedade (MARSHALL, 2003), como expresso por Maxwell E. McCombs e Donald L. Shaw:

Ao selecionarem e divulgarem as notícias, os editores, os profissionais da redação e os meios de difusão desempenham um papel importante na configuração da realidade política. Os leitores não só ficam a conhecer um determinado assunto, como também ficam a saber a importância a atribuir a esse mesmo assunto, a partir da quantidade de informação veiculada na notícia e da posição que ela ocupa. (McCOMBS; SHAW, 1972)

Destarte, a movimentação nas redes sociais provocou severo impacto sobre a produção noticiosa da mídia sobre o caso, que se viu “agendada” pela população a pautar o ocorrido. O “agendamento” (agenda-setting), configura-se como:

[...] em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que o mass media incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende aquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos mass media aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas (SHAW apud WOLF, 2001).

A mídia local viu-se obrigada a cobrir o caso e, assim, deu a valorização necessária aos questionamentos tecidos nas redes sociais, além de levar a discussão aos indivíduos que fazem parte da população sotopolitana assistida pelos veículos impressos, online e televisivos locais, que, por ventura, não participaram da discussão pela internet, mas também passaram a compreender a relevância do assunto. Assim, a esfera pública, enquanto guardião da democracia



(MORTENSEN; WALKER, 2002), configura-se como “uma zona para o discurso no qual ideias são exploradas e uma ‘visão pública’ pode se expressar” (HABERMAS, 1984), ao passo que os conglomerados de comunicação atuam como válvulas propulsoras desses debates dentro da sociedade. É preciso salientar que a matéria prima que faz a máquina comunicacional funcionar é o discurso e, portanto, ao evidenciar debates, os meios influenciam este ou aquele segmento social (SANT’ANNA, 2006): é assim que o controle dos meios de comunicação e dos fluxos simbólicos assume um papel crucial como instrumento de poder nas sociedades modernas (GUARESCHI, 2000). À vista disso, o conteúdo das mensagens divulgadas pelos meios de comunicação são o objetivo da disputa de poder, visto que “estar inserido na agenda é uma tentativa de garantir um referencial ideológico dentro de uma sociedade” (SANT’ANNA, 2006), demonstrando que os meios de comunicação são campos de batalha ideológica.

Contudo, antes mesmo de a mídia adentrar às discussões, foi por conta da própria população soteropolitana que, inquieta com a postura dos estudantes e do silêncio do Colégio Anchieta, a instituição respondeu à sociedade sobre o ocorrido. Isso é, foram as discussões promovidas pelas pessoas nas redes sociais que provocaram um posicionamento do Colégio, que pode ser representado por “responder politicamente” o assunto em pauta, numa releitura do papel desempenhado pelo jornalismo apresentado por Habermas por meio da teoria da ação comunicativa. Isso representa uma revolução nas relações comunicacionais em sociedade: agora os indivíduos podem falar diretamente à opinião pública, sem intermédio da mídia hegemônica para interferirem na esfera pública. Assim, “para interferir na esfera pública, neste período de pós-modernidade, é necessário estar inserido na agenda midiática” (SANT’ANNA, 2006).



À Comunidade Anchieta

Nas postagens em redes sociais, no dia 07 de mês de junho, relativas à atividade do Mico, ação realizada por alunos da 3ª série do Ensino Médio, naquele dia, com o objetivo de descontração, foram veiculadas encenações incoerentes com os objetivos do Mico e com a Filosofia do Colégio Anchieta.

Contudo, como educadores, sabemos que no trabalho com jovens, vez por outra, eles podem se equivocar no agir e no pensar, o que requer nossa orientação como parte efetiva de intervenção no mundo adolescente, fase em constante formação.

Vale resaltar que o Colégio Anchieta não comunga com as referidas encenações independentemente da intenção delas. Logo, não queremos minimizar os fatos. A Missão do Anchieta é formar pessoas para transformar o mundo e, neste contexto de formação, o Amor é o valor ético e o caminho para tratar o medo e a dor presentes no mundo contemporâneo.

Como educadores estamos mobilizados e refletindo acerca do acontecimento, inclusive, trabalhando com os alunos da 3ª série do EM na viabilização dos encaminhamentos, de maneira formativa e consciente da não naturalização dos fatos e no reconhecimento de que não são condizentes com os princípios e objetivos de humanização da Educação Anchieta, que se fundamenta no tratamento a todos em condição de igualdade, sem discriminação de classe, raça, gênero e religião.

Salvador, 07 de junho de 2017.

Grupo Educacional Anchieta (GEA)

Colégio Anchieta®
SALVADOR-BA
Formando pessoas para transformar o mundo.

Figura 2: Resposta do Colégio Anchieta após grande repercussão do caso nas redes sociais. Fonte: reprodução/Facebook.

Essa nova dinâmica comunicacional demonstra que as redes sociais interferem no newsmaking dos media e, portanto, também interferem no imaginário coletivo, principalmente nas opiniões os indivíduos em sociedade. Com a mudança do paradigma comunicacional (receptor – emissor), as relações entre os indivíduos em sociedade também se alteram, visto que a possibilidade de interatividade gera maior participação na comunicação por parte da população. Isso pode ser ilustrado por Célia Maria Ladeira Mota, que afirma que as comunidades online "transformam os usuários em novos produtores de notícias e informações". Dessa forma, essas comunidades passam a "agendar" a mídia:

Pode-se dizer que o agendamento passa hoje pelas redes sociais da internet, que a priorização se dá na razão direta do envolvimento e dos interesses imediatos dos cidadãos e que o enquadramento não visa destacar as vozes mais influentes e poderosas ligadas ao governo, aos meios políticos e empresariais. O



novo cidadão caminha para expressar sua própria opinião e fazê-la valer (MOTA, 2012).

Essa nova interação comunicacional incitada pelas redes sociais da internet, como um espaço mais amplo e direto de participação nas discussões em sociedade nos remete aos cafés do século XVII e XVIII. A internet representa, hoje, uma “agência de democratização” (BRIGGS; BURKE, 2004), numa releitura do que os cafés dos séculos supracitados representaram, como expressa Glauco Rodrigues Cortez:

Eles aparecem como uma radical transformação no espaço da mediação social porque, pela primeira vez, esse espaço é reivindicado por particulares. (...) a presença de instrumentos como igualdade, diálogo e capacidade de reunir diferenças foram fundamentais para sua legitimação como espaço de mediação social. (CORTEZ, 2008)

É fato que, cada vez que uma nova plataforma surge, causa-se um abalo sísmico nos meios de comunicação já consolidados. Daí, conceitos como “midiamorfose” e “midiacídio”⁴³ passam a ser discutidos, como foi quando o rádio surgiu, abalando a grande imprensa de jornalismo, e por conseguinte a televisão, abalando o rádio. Mas a verdade é que, embora os meios de comunicação se desorganizem por conta da chegada de uma nova plataforma, o que acontece é uma reestruturação dos mesmos, que se veem sujeitos a se adaptarem à novidade, num processo de “midiamorfose”, batizado assim por Roger Fidler (FIDLER, 1997), e não necessariamente são extintos da dinâmica comunicacional. Contudo, a internet é muito mais do que um novo meio de comunicação: ela representa uma nova forma das pessoas se relacionarem com o mundo. E a internet, enquanto

43 O conceito de “midiamorfose” é definido pelo autor Roger Fidler como “a transformação dos meios de comunicação, como resultado da interação entre as necessidades percebidas, as pressões políticas e de competência, e das inovações sociais e tecnológicas” (FIDLER, 1997). Já o autor Rosental Calmon Alves define “midiacídio” como “a possibilidade de a ruptura tecnológica provocar a morte de meios tradicionais que não tenham capacidade ou não saibam se adaptar ao novo ambiente midiático em gestação (...) podendo incluir a ‘morte’ de carreiras (no caso de jornalistas que não consigam adaptar-se à nova realidade) e de empresas de comunicação insensíveis à necessidade de mudar seus modelos de negócio e suas linguagens” (ALVES, 2001).



espaço de maior participação política e comunicativa da sociedade, é encarada por Rosental Calmon Alves como a ponta do iceberg de uma revolução:

Em termos de manejo e de acesso a informações, o único paralelo histórico que podemos encontrar para esta revolução é a invenção do tipo móvel por Gutenberg em 1542, que transformou a humanidade ao ampliar as possibilidades de disseminação do conhecimento. Estamos no começo da nova revolução do conhecimento e estamos vendo o impacto inicial sobre o jornalismo, assim como vemos suas consequências políticas, sociais e econômicas mais amplas. (ALVES, 2006)

312

Assim, as redes sociais se configuram como espaço democrático de expansão política e de exercício de cidadania, permitindo que múltiplos timbres debatam socialmente, promovendo maior mobilização em comunidade. Com o surgimento da imprensa, entre os séculos XIX e XX, ocorreram mudanças na forma de organização social, principalmente com a chegada da televisão, em que houve a “não-necessidade de se compartilhar um mesmo espaço físico para estabelecer um processo comunicativo” (OLIVEIRA; FERNANDES, 2011). Agora, com a internet, o fluxo de informações, compartilhamento e participação política se intensificou, por conta desse novo espaço democrático de disseminação da informação que são as redes sociais.

A cobertura

Por consequência dessa dinâmica de interferência no newsmaking por parte da população, os meios de comunicação hegemônicos veem-se compelidos a pautarem as discussões promovidas por ela, como no caso estudado aqui. Deste modo, Fernanda Vasques Ferreira e Rafiza Varão apontam:

Há, portanto, uma pluralização das vozes que, por vezes, podem representar interesses divergentes, mas que podem atuar formulando uma agenda para além da agenda da mídia e que, em algum momento, irá se tornar a agenda da mídia. (FERREIRA; VARÃO, 2014)



Assim sendo, logo a mídia de Salvador passou a se pronunciar sobre o caso dos estudantes vestidos de Ku Klux Klan. Os veículos locais que anunciaram o caso e que são citados no presente estudo foram: A Tarde, iBahia, Bahia Notícias, Correio*, Aratu Online, Bocão News e Rede Bahia de Televisão (por meio do jornal televisivo Bahia Meio Dia).



Fonte:
<http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1868185-alunos-usam-roupa-da-ku-klux-klan-em-festa-de-colegio-particular-de-salvador>



Fonte:
<http://www.ibahia.com/detalhe/noticia/alunos-de-colegio-particular-de-salvador-usam-roupa-de-organizacao-racista-em-evento/>

Sexta, 09 de Junho de 2017 - 16:00
Estudantes do Anchieta se vestem como integrantes do Ku Klux Klan dentro de escola

por Guilherme Ferreira



Sexta, 09 de Junho de 2017 - 16:00
Estudantes do Anchieta se vestem como integrantes do Ku Klux Klan dentro de escola

por Guilherme Ferreira

Fonte:
<http://www.bahianoticias.com.br/noticia/20834-8-estudantes-do-anchieta-se-vestem-como-integrantes-do-ku-klux-klan-dentro-de-escola.html>



Alunos de colégio particular de Salvador usam roupa de organização racista em evento

Colégio se manifestou afirmando que repudia ação e que jovens "podem se equivocar"

Por Da Redação - 08/06/2017 20:56:00

Fonte:
<http://www.correio24horas.com.br/detalhe/salvador/noticia/alunos-de-colegio-particular-de-salvador-usam-roupa-de-organizacao-racista-em->



SURREAL: Alunos de colégio particular em Salvador usam roupas de organização racista

Da redação
Atualizado em 08/06/2017 às 18:09

Fonte:
<http://www.aratuonline.com.br/noticias/surreal-alunos-de-colegio-particular-em-salvador-se-vestem-com-fantasia-de-organizacao-racista/>



Ministério da Cultura e Brasil

Alunos se fantasiam de Ku Klux Klan em evento no Colégio Anchieta

Sexta, 09 de Junho de 2017 - 13:25
Por Redação BBOCAO | Foto: Reprodução

Fonte:
<http://www.bocaonews.com.br/noticias/principal/salvador/177393,alunos-se-fantasiaram-de-ku-klux-klan-em-evento-no-colegio-anchieta.html>

A cobertura feita pela mídia soteropolitana sobre o caso seguiu com rigor o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, que está em vigor no país desde 1987.



Ao apurar o caso dos estudantes que se vestiram de membros da Ku Klux Klan, a mídia local respeitou o Art. 6º, que define como obrigação do jornalista “opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos” (inciso I), “divulgar os fatos e as informações de interesse público” (inciso II), “defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, dos adolescentes, das mulheres, dos idosos, dos negros e das minorias” (inciso XI) e “combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza” (inciso XIV), visto que abordou o assunto delicado que é a perseguição e extermínio do povo negro, promovidos também e, no caso, especialmente, pela Ku Klux Klan, demonstrando que este assunto precisa ser discutido seriamente pela sociedade, atendendo aos princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Além da cobertura dos veículos virtuais apresentados, o jornal televisivo Bahia Meio Dia, programa da Rede Bahia de Televisão, afiliada local da Rede Globo, também transmitiu o caso, em que, além de cientificar a população sobre o que é a Ku Klux Klan socialmente e historicamente, salientou a gravidade da postura dos estudantes ao representarem uma organização racista de extermínio. O jornal também convidou uma especialista em educação, Christine Toniolo, psicopedagoga, para auxiliar pais e educadores em como lidar com os jovens em situações afins. A psicopedagoga ressaltou, além da atenção que o colégio deve ter com os alunos, a responsabilidade da família para com os jovens. Afirmou que, no caso dos estudantes em questão, a fantasia pareceu ter sido elaborada, e não uma vestimenta improvisada e feita de “última hora”, destacando que foi de fato intencional a atitude dos garotos. Assim, frisou que a família deve estar sempre vigilante ao comportamento dos jovens, mesmo se tratando de adolescentes um pouco mais crescidos e independentes, como é o caso dos referidos estudantes do caso, visto que estão cursando o 3º ano do Ensino Médio.

Alunos de colégio particular na BA usam roupa de organização racista durante atividade e geram polêmica

Caso ocorreu no Colégio Anchieta, em Salvador. Unidade de ensino divulgou nota e disse que 'não comunga com as referidas encenações'.



Por G1 BA
09/10/2017 10h28 / Atualizado 09/10/2017 15h21



Polêmica: alunos usam fantasias de cili racista durante evento de colégio em Salvador

Fonte: <http://g1.globo.com/bahia/noticia/alunos-de-colegio-particular-da-ba-usam-roupa-de-organizacao-racista-durante-atividade-e-geram-polemica-nas-redes-sociais.ghtml>

Por conta da grande repercussão do caso em Salvador e pelo caráter esdrúxulo da situação, outros jornais do Brasil também divulgaram o ocorrido em seus portais virtuais, como o G1, Estadão, Extra e IstoÉ.



Alunos de colégio particular na BA usam roupa de organização racista durante atividade e geram polêmica

Caso ocorreu no Colégio Anchieta, em Salvador. Unidade de ensino divulgou nota e disse que 'não comunga com as referidas encenações'.



Por G1 BA
09/06/2017 10h28 - Atualizado 09/06/2017 15h21

Fonte:
<http://g1.globo.com/bahia/noticia/alunos-de-colegio-particular-da-ba-usam-roupa-de-colegio-particular-da-ba-usam-roupa-de-organizacao-racista-durante-atividade-e-geram-polemica-nas-redes-sociais.ghtml>



Estudantes de Salvador se vestem como membros da Ku Klux Klan

REDAÇÃO - O ESTADO DE S. PAULO

09/06/2017, 11:51

Fonte:
<http://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,estudantes-de-salvador-se-vestem-como-membros-daku-klux-klan,70001832838>



Alunos se vestem como membros do grupo racista Klu Klux Klan em escola de Salvador

Por MARTA SZPACENKOPF
09/06/17 09:11 | Atualizado: 09/06/17 12:45

Fonte:
<https://extra.globo.com/noticias/brasil/alunos-se-vestem-como-membros-do-grupo-racista-klu-klux-klan-em-escola-de-salvador-21455407.html>



GERAL

Estudantes de Salvador se vestem como membros da Klu Klux Klan

Estadão Conteúdo
09.06.17 - 14h50

Fonte:
<http://istoe.com.br/estudantes-de-salvador-se-vestem-como-membros-da-klu-klux-klan/>



Essa postura por parte dos veículos noticiosos nacionais, que capturaram a movimentação sobre o caso dos estudantes na capital baiana e seu valor-notícia, reitera a relevância das discussões construídas no seio das redes sociais, cerne dos debates sobre o caso aqui estudado. A respeito disso, Fernanda Vasques Ferreira e Rafiza Varão explicam:

318

É possível afirmar que há uma significativa alteração das rotinas produtivas, considerando o advento das redes sociais na internet e sua utilização como fonte de informação, uma vez que jornalistas e redações profissionais passam a se “apropriar” do conteúdo postado nas redes para a produção noticiosa. É importante destacar que a mudança sinaliza para o reconhecimento da importância das redes no processo de apuração e filtragem das notícias, para um novo fluxo de agendamento on-line. (FERREIRA; VARÃO, 2014)

Considerações finais

A internet tem se configurado como um espaço fértil de disseminação de informações e compartilhamento de conteúdos por parte dos usuários que, por sua vez, atrelam o sentimento de cidadania, presença política e democracia ao acesso à internet e participação nas redes sociais. Estas têm provocado novas formas de organização social e relações com o mundo, e têm interferido, intimamente, as rotinas produtivas do jornalismo, que se vê, agora, agendado pela própria população. Temos em mãos, agora, um poderoso recurso deliberativo democrático, que são as redes. Essa mudança de paradigma provoca questionamentos tanto no fazer jornalístico quanto nas construções simbólicas em sociedade.

No caso dos estudantes do Colégio Anchieta, em Salvador, que se vestiram de membros da Ku Klux Klan, observamos que, de fato, a população foi a responsável pelos debates e fomento de opiniões sobre o ocorrido, no ciberespaço das redes sociais, principalmente no Facebook. Foi por conta da inquietação de parte da população de Salvador que a mídia se viu impelida a cobrir o caso e, ao



fazê-lo, tanto legitimou os discursos gerados pelas redes quanto publicizou o caso para toda a sociedade sotropolitana. A cobertura da mídia sobre o caso também cumpriu com o compromisso jornalístico de legisladora das relações em sociedade, ao destacar o que representa simbolicamente caracterizar-se de um movimento que representou perseguição, tortura e extermínio de um povo.

Outrossim, por meio da análise presente, percebeu-se o caráter social do jornalismo como espaço de fomentação e divulgação de discursos, onde tanto as pessoas intervêm nas pautas dos media quanto os media agendam e legitimam discursos e narrativas da e para a sociedade.

319

Referências bibliográficas

ALVES, Rosental Calmon. "Jornalismo digital: Dez anos de web... e a revolução continua". Comunicação e Sociedade, vol. 9-10, 2006.

ALVES, Rosental Calmon. "The future of online journalism: mediamorphosis or mediacide?", Info: The journal of policy, regulation and strategy for telecommunication, information and media, Vol. 3 #1, Cambridge: Camford Publishing, 2001.

BURKE, Peter; BRIGGS, Asa. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CÓDIGO, DE. "Ética dos Jornalistas Brasileiros." Federação Nacional dos Jornalistas. Vitória (ES) 4 (2006).

CORTEZ, Glauco Rodrigues. "Os cafés como espaços de comunicação". Estudos em Jornalismo e Mídia - Ano V - n. 2, 2008.

FERREIRA, Fernanda Vasquez; VARÃO, Rafiza. "Copa do Mundo FIFA 2014, seleção alemã e agendamento: uma análise das notícias do portal UOL como resultado das redes sociais". Estudos em Jornalismo e Mídia Vol. 11 Nº 2, 2014.

FIDLER, R. *Mediamorphosis*, Thousand Oaks, Ca: Understanding New Media Pine Forge Press, 1997.



FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder* (1979). Rio de Janeiro, Edições Graal, 2011. FREITAS, Riva Sobrado de; CASTRO, Matheus Felipe de. “Liberdade de Expressão e Discurso do Ódio: um exame sobre as possíveis limitações à liberdade de expressão”. Seqüência, Florianópolis, n. 66, jul. 2013.

GUARESCHI, Pedrinho e outros. *Os construtores da Informação – Meios de comunicação, ideologia e ética*, Petrópolis, Vozes, 2000.

HABERMAS, Jurgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1984.

KARAM, Francisco José; SCHMITZ, Aldo Antonio. A ÉTICA DE LADO A LADO: fontes de notícias e jornalistas frente a frente. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 23, p. 171-182 julho/dezembro 2010.

MARSHALL, Leandro. *O Jornalismo na era da Publicidade*. São Paulo, Summus, 2003. McCOMBS, Maxwell E.; SHAW, Donald L. A função do agendamento dos media, 1972 In: TRAQUINA, Nelson. *O Poder do Jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento*. Coimbra: Minerva, 2000.

MORTENSEN, T.; WALKER, J. “Blogging thoughts: personal publication as an online research tool”. In: MORRISON, A. (Ed.). *Researching lcts in context*. Oslo: InterMedia, 2002.

MOTA, Célia Maria Madeira. *Um novo tempo de observadores*. Observatório da Imprensa, dez. 2012.

NARVESON, Jan. *Moral matters*. Broadview Press LTD, 1999.

OLIVEIRA, Luiz Ademir de; FERNANDES, Adélia Barroso. “Espaço público, política e ação comunicativa a partir da concepção habermasiana”. *Revista Estudos Filosóficos* nº 6 /2011.

SANT’ANNA, Francisco. “Mídia das Fontes: o difusor do Jornalismo Corporativo”. *Revista Comunicações*, Vila Velha, 2006.

SAVATER, Fernando. *Ética urgente*. Edições Sesc, 2015.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. Editora Companhia das Letras, 2003.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Presença, 2001.